

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI)S VERÃO



Aves assustadas! Graxito mortífero. Pedradas do céu. Alison Cardoso de Oliveira Escola de Samba! Multidão entusiasmada! Exaustão! Vitória! Albertina C. G. dos Santos Homem satisfeito Saúde na certa! Alda Corrêa M. Moreira Sol de meio-dia, reflete na plantação, pimentão vermelho. Angela Togeiro Homem satisfeito Aula de alpinismo. Um caranguejo escaldando o velho coqueiro. Antônio Seixas algebra da passarela negocia perdida. Carlos Roque B. de Jesus Passa a garotada, rosto sujo de sorvete. Gosto de infância! Cecy Tupinambá Ulhôa Na beira do rio, de listras preta amarela, veja um surubim. Derey de Freitas + Acabou o açúcar. Ah, novamente as formigas devoraram tudo! Edel Costa Estação do canto, natureza em alarido, na voz da cigarrta. Fernando Vasconcelos	Acordo no escuro. Palmas-tapas... só peço ar! ...perlimpong zune. Guim Ga Ala das baianas. Carnaval, só festa. Um convite para os olhos. Haroldo R. Castro Fevereiro - carnaval. Longe de toda essa folia, curto minha paixão. Hélvio Durso A porta-bandeira gira, na Escola de Samba. Sutil pé-de-valsai!... Hermoclydes S. Franco Flores, oferendas, tambores, cantos e danças: Festa de Iemanjá. João Batista Serra com o brilho da coroa ao surgir do sol. José N. Reis Mistério na praia. Branco de velas, vestidos, ao som de atabaques. José Walter da Fonseca Chuva de conetes. O rei Momo experimenta a cerveja quente. Larissa Lacerda Menendez Acorda o Rei Momo, Salgado rastro de mar terra a terra infértil. Lávia Lacerda Menendez Ensaia batque as panelas e os baldes. Carnaval em chuva... Luis Koshitiro Tokutake	As tribos em guerra batucam seus tamborins: Escolas de Samba... M. U. Moncam Jasmim na lapela sugere nova estação. Sensível mensagem... Maria App. Picanço Goulart Ginossol dourado preso à luz do sol. O elo finda no poente. Olga Amorim Caminha o menino... Mormaço lhe beija ardente. Rosa sua face! Olga dos Santos Bussade Festa de Iemanjá tornando mais belo o mar. Batuque na praia. Regina Célia de Andrade garoa fresca e tão boa, molha nosso chão! Rogério M. S. da Costa Guri malvado! De sustão arrancou a teia da aranha. Sergio de Jesus Luizato Artista inspirado enfim fisingou surubim. Peixe pintado... Sergio Serra Chuva de verão: feira de caranguejos. Menu esquisito... Walma da Costa Barros A água de coco em cofres invioláveis. Coqueiro zeloso. Yedda Ramos Maia Patrício
---	--	--

O marido, com a cara mais triste deste mundo avisou à mulher:

– Mulher, vou até à Caixa buscar os cinco milhões que acabo de ganhar na mega e logo estou de volta.

Ela grunhiu automaticamente:

– Não demora, viu bem? Estou louca pra fumar...

Ele voltou, deixou o dinheiro na caixa do correio de sua casa.

E nunca mais foi visto.

Microconto, João dos Santos; em Jornal Leco 0201

Todos os homens ativos vivem sonhando com uma modesta independência material. A miséria é uma mordida que trava a língua e paralisa o coração; cumpre escapar de suas garras para seguir um ideal mais alto, o trabalho mais agradável, a mulher mais santa, os amigos mais leais, os horizontes mais risonhos e o isolamento mais tranquilo.

José Ingenieros (1877-1925), em Noticiário do Exército 0110

Abrirea uma fábrica de beijos com grande sucesso. Eram beijos de despedida, beijos de amor, beijinhos doces, e até beijos roubados (muito procurados). Mas a queda de seu império começou assim que, ambicionando maiores lucros, lançou no mercado o primeiro beijo-de-judas.

Negócios, Tânia Diniz, em Telescópio 9809 *09 de 2008*
electram@terra.com.br – telescópio@folhanet.com.br

NÃO FALTOU PARA O BISPO

O cara estava frente ao desfecho de sua andança pelo mundo. Chegara a hora de seu espírito verificar a bagagem que poderia levar desta vida. Não há qualquer possibilidade de passar contrabando pela alfândega do além. Só se leva o que é de direito levar, não havendo treita possível.

Estava morrendo cercado de luxo, mas, vazio de luz. Não conseguia admitir que chegara

Teimou em criar o mais original mascote de todos, por mais difícil que possa parecer: uma chama. Preparou-lhe, primeiro, o habitat: um pires com óleo no qual flutuava uma rolha furada, com uma mecha no meio. Acendeu-a devagar. O resto do dia passou cuidando da frágil chamazinha recém-nascida.

E por falar em recém-nascida, resolveu logo dar-lhe um nome. Seria Faisca. Com o tempo, ela cresceu e se fortificou. Graças à paciência do dono, aprendeu a fazer coisas. Com o auxílio de um pequeno ventilador, dançava, inclinava-se, alongava-se. Mudando a alimentação, mudava de cor: verde, se houvesse cobre na comida. Azul, se estivesse de pileque no álcool. À noite, adormecia suavemente ao lado da cama do dono, e os dois descansavam placidamente.

Ora, aconteceu de um dia o rapaz sair com a namorada. Estava tão apaixonado, que se esqueceu de tratar sua Faisca. Que, conseqüentemente ficou com fome. Chama com fome é terrível! Deu um jeito de alcançar a cortina de náilon, que devorou com gula. Mas seu apetite parecia insaciável. Devorou com gula a cadeira, a cama... Quando o rapaz voltou, aquele susto! O banquete da sua Faisca estava em pleno auge, e ela devorava tudo, embora sem se esquecer de botar as suas agora múltiplas cabeças para fora das janelas para saudá-lo com alegria.

Chama, Eno Wanke; em Telescópio 9809 *09 de 2008*
electram@terra.com.br – telescópio@folhanet.com.br

SELEÇÕES MENS AIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 28.02.02, quigos à escolha:

Araçá, Bagre, Ceia de Natal.

Remeter até 30.03.02, quigos à escolha:

Boca-de-leão, Carnaval de Rua, Taturana.

Cada haicu deve ser como um instantâneo diante do quigo (palavra da sação). Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia.

Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 – São Paulo, SP

1. Preencher até três haicuis, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-lá normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.

Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a

SENRIU (TREVÓ PERSONAGEM*) – SENRIU À OCIDENTAL

Luz vermelha! *
Ardem alvas mariposas
no negror da noite...
Guim Ga

Na foto, eu menino. *
De repente em minha boca
gosto de sorvete.
Sergio Bernardo

Carnaval, mentiras,
Seu falso rei, em seguida,
diluído em cinzas.
Fernando Vasconcelos

Carnaval, três dias
de samba, folia e sonho!...
Depois, realidade.
Leda Mendes Jorge

HAICUS EM FOLHA



Fundo de quintal. No vaso quebrado, a primula ainda florece. Maria Reginato Labruciano Conchas entrecobertas. Cheirinho bom de marisco! – Mexilhões cozidos. Maria Madalena Ferreira Panela de barro – fritada já mexilhões aguçá o apetite. Maria Reginato Labruciano Gentil cumprimento: o cartão de aniversário no meio das primulas. Alba Christina Esquecendo a terra, festa com os companheiros, no Dia do Agrônomo. Anita Thomaz Folmann Quintal espaçoso. Num velho jarro de argila, primula dormindo. Humberto Del Maestro Das águas do Atlântico, um grupo de mexilhões enfiam as pedras. Renata Paccola Não muda a rotina. Muito trabalho no campo no Dia do Agrônomo. Humberto Del Maestro No velho algaider, o mexilhão amarelo depois de cozido. Maria App. Picanço Goulart	Chega o aperitivo: mexilhões ao vinagrete. Aplausos gerais. Darly O. Barros Trator enfiado! Trabalhadores à espera... É Dia do Agrônomo! Leonilda Hilgenberg Justus o sol beija a plantação no Dia do Agrônomo. Maria Reginato Labruciano a fila se estende... Anita Thomaz Folmann Na terra cuidada, ao ar livre, churrascada. Dia do Agrônomo. Manoel F. Menendez Primulas enfiam toda a entrada do casbre: riqueza e pobreza do. Ercy M. M. de Faria De bracos abertos, natureza comemora o Dia do Agrônomo. Renata Paccola Mexilhão no fogo perfumando a casa inteira... Almoço de rastro Humberto Del Maestro Em frente à varanda, grande canteiro de primula lembrando a família. Oliaria Alvarenga Em festa de cores, primavera vem chegando nos vasos de primula. Alba Christina	Pelas pedras lisas, conchas molhadas de mar... Mexilhões ocultos. Elen de Novais Felix Depois da mudança as primulas coloridas sozinhas na casa. Alba Christina No impulso da ventania, primulas dançantes. Analice Feitoza de Lima Verde se contorce... Primulas viçosas espium pela vidreira da floricultura... Darly O. Barros Perfume e beleza... Debruçada na janela um vaso de primulas. Maria Madalena Ferreira Borboletas beijam, aos pés de nativas árvores, os buquês de primulas. Amália Marie G. Bornheim Do mar é a oferenda: fartura de mexilhões. Pescador sorri. Darly O. Barros Canteiro de primulas enfiam a primavera com seu colorido. Djalda Winter Santos Mexilhões, nas rochas, com duras e negras conchas, enfrentam marés!!! Amália Marie G. Bornheim Transgêncio à mesa no Dia do Agrônomo e polêmica acesa. Fernando L. A. Soares
--	--	---

nem se prende às aparências. Teria extrema-
unção, mas de que vale tal misericórdia a um
espírito convertido em bloco de pedra bruta.
Fica só no ritual e não assume a graça que
encerra.

Estava ainda agonizando e já tinha demônio a
dar com o pé à sua volta e cabeceira. Na
verdade, havia uma mistura de anjos bons,
espíritos aprimorados, que, em vão, buscavam
despertá-lo para um lance final de arrependi-
mento, e a capetada que o acompanhara em
vida, pronta para faturar-lhe a alma imortal.
Ajuda do diabo é rocha. Ela é feito ajuda do
sistema nacional de habitação, você recebe e
fica devendo para sempre. Seu destino era o
togó.

O ponteiro deu sua última volta e ele ap-
gou o pito, sem qualquer apelação. O bispo
rente com ele, naquela hora extrema, dando a
idéia de que poderia segurar-lhe a barra. Mui-
tos religiosos, principalmente de patente mais
elevada, fazem questão de aparentar-se don-
dos da chave do Céu. Mostram-se senhores
absolutos da situação mais extrema. Às vezes,
a gente chega a ter a impressão de que real-
mente estão acreditando em tal absurdo. O
fato é que o cara amarelo a sola dos pés,
assistido por sua Excelência Reverendíssima.
Com a pompa de tal tratamento, há de parecer
mesmo que um bispo pode mudar o destino
do cara, para dar-lhe eterna felicidade, por
imposição de sua sacrossanta vontade, in-
dependentemente do que o *jedasunhas* tenha
sido durante toda vida, ao abotoar o paletó.
Mas, *né não, de jeito ne nhum!*

Ao chegar do outro lado e encarar o que o
estava esperando, o que conquistara, entendeu
que havia dançado. Não tinha como fugir nem
a quem subornar. Tentou, então, discutir o
assunto, dizendo que havia algum terrível
engano, pois, o seu lugar não era ali. Fizera
muita caridade, ia à missa todos os domingos
e comungava em todas elas. Até o coisra ruim
estava assombrado com tamanha cara de pau.

Por fim, esquecido de que não mais estava na
terra, onde a hipocrisia cola e as aparências

têm tremendo valor, argumentou com o anfi-
trião, dizendo que havia sido encomendado
pelo próprio bispo da Diocese, que era seu
amigo e a quem ajudara tanto, nas obras da
igreja, assim como em projetos pessoais. Per-
deu o latim.

Lúcido, que já estava com o saco cheio de
papo furado, deu uma risada maligna e botou
fim no assunto, de maneira definitiva:
– Não se desespera, pois, o bispo seu amigo
vai reencontra-lo muito breve. Na próxima
semana, no tempo dos encarnados humanos,
vamos buscá-lo, também, e ele terá lugar espe-
cial, porque é ainda muito pior do que você.
Ele é um canalha do mais alto potencial.

E continuou:
– Representa aquele distinto prelado tudo o
que você possa imaginar de sórdido e sentir
de pífido nessa sua alma asquerosa. Ele é
tudo de que o inferno precisa. Temos que
ficar muito atentos para que ele não supere o
que aqui conhecemos. O triunfo do mal que
ele representa é uma segurança que temos na
Terra. Agora, podemos buscá-lo, porque já
alcançou um patrimônio de coisas infames
executadas capaz de fazer inveja em muitos
de nossos mais consagrados demônios, de-
pois, já fez milhares de sucessores, fora e
dentro das batinas!

O cara certificou-se, só então, de que havia,
inapelavelmente, sentado na boneca. Desatou
num riso convulsivo, surpreendendo ao pró-
prio Lúcido, que entrou em sua essência, para
satisfazer a sua diabólica curiosidade. Pois
não

é que o lazarento estava rindo por imaginar a
chegada do seu amigo bispo, com toda aquela
pose e empáfia, aos infernos? Mas, também, foi
a última risada que deu.

Bem, vou responder a pergunta que deve
estar incomodando ao meu caro leitor. Este
troço veio ao meu conhecimento, quando uma
entidade das trevas incorporou num burro que
estava disponível no terreiro de macumba e deu
o serviço direitinho. Eu estava lá. Pô meu!

Fernando Vasconcelos, de Pô Meu!
(3º Livro das Narrativas de Nhô Fela). 1ª Edição, 1996